



# O CAMPONÊS

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

## TRABALHADORES AGRÍCOLAS! LEVATEMOS-NOS EM MASSA CONTRA O DESEMPREGO!

O flagelo do desemprego e da fome atormentam de novo os nossos lares. Milhares de trabalhadores agrícolas do Alentejo, Ribatejo e Algarve estão sem trabalho. Passam fome e sofrem porque o governo e os agrários os querem. São eles os responsáveis da desgraçada situação em que vivemos.

A vida agrava-se de dia para dia. O desemprego deixou de ser um problema de certas épocas do ano para passar a ser permanente e em número sempre crescente. Reduzem-se as áreas de cultivo; há centenas de milhares de hectares de terra que estão sem serem fabricadas enquanto nós somassap

cada vez mais semanas e meses sem ganharmos um dia de jorna; sobre o custo de vida; não aparecem novos serviços onde empregarmos os nossos braços e o governo compra no estrangeiro produtos que a nossa agricultura podia e devia produzir. O governo e os agrários, em vez de procurarem dar solução aos nossos problemas respondem com uma repressão brutal — tal é a situação oferecida pelo regime fascista de Salazar ao fim de 37 anos de governo.

Nós não podemos viver nem criar os nossos filhos desempregados. Não vivemos do ar e ninguém nos vai levar o pão a casa. São os agrários que têm as terras

e são eles que nos têm que dar trabalho. Se os agrários não querem fabricar as terras devem-lhes ser tiradas e entregues aos trabalhadores. Nós não podemos morrer de fome somente porque os senhores da terra não a querem fabricar.

Os interesses de 850 mil operários agrícolas e de 450 mil pequenos e médios camponeses e suas famílias; os interesses da Nação e de uma agricultura progressiva e florescente; exigem que se acabe com o desemprego e com a fome nos campos, exigem a realização duma verdadeira REFORMA AGRÁRIA que entregue a terra a quem a trabalha.

## UNIDADE, ORGANIZAÇÃO E ACCÇÃO O CAMINHO A SEGUIR

Não podemos aceitar o desemprego desunidos e de braços cruzados. O trabalho não se consegue de mão beijada nem cai do céu. É NECESSÁRIO, É PRECISO CONQUISTÁ-LO PELA LUTA ORGANIZADA E FIRME DE TODOS.

Não podemos deixar arrastar as promessas das autoridades «de que se vai resolver para a semana» e passamos assim meses a apertar os cintos. **QUEREMOS TRABALHO PARA TODOS, JÁ HOJE! OU TRABALHO OU VAMOS TODOS BUSCAR O COMER ONDE O HOUVER!**

Esta deve ser a palavra de ordem dos trabalhadores. A nossa bandeira de luta deve ser: «Um por todos e todos por um»

Cada um de nós deve adquirir a consciência de que a força e a invencibilidade dos trabalhadores assentam na UNIDADE, NA ORGANIZAÇÃO E NA ACCÇÃO FIRME. É a lutar que defendemos os nossos interesses e ganhamos consciência da nossa força; é a lutar que alargamos e consolidamos a unidade e a organização; é a lu-

tar que aprendemos a conhecer o inimigo e nos armamos para acções superiores.

Façamos reuniões, discutamos uns com os outros as formas de luta a utilizar.

Concentremo-nos todos, homens, mulheres e com os nossos filhos junto das Casas do Povo, Câmaras, GNR, Juntas, Governadores Civis e reclamemos firmemente trabalho. Não deixemos as autoridades enquanto não nos for garantido trabalho.

Organizemos marchas de fome pelas ruas gritando: Temos fome! Queremos trabalho! Ou nos dão trabalho ou vamos buscar o comer onde o houver!

Formemos Comissões de Unidade para dirigir a luta. Estabelecamos contactos com os trabalhadores das terras vizinhas e combinemos acções conjuntas.

Reclamemos um Contrato Colectivo de trabalho que nos assegure as condições mínimas de trabalho.

Levate-mos contra o desemprego!

## “A TERRA”

Acaba de aparecer «A Terra» órgão de unidade dos camponeses do Norte.

A partir de agora os camponeses do Norte do país, passam a dispor dum órgão próprio e liberto das garras da censura fascista. «A Terra» será sem dúvida uma poderosa ajuda à luta dos camponeses do Norte.

«O Camponês», órgão de unidade dos camponeses do Sul saúda o aparecimento de «A Terra» desejando-lhe longa vida e muitos êxitos na luta pela unidade, organização e mobilização dos camponeses do Norte, contra o fascismo e por uma vida melhor.

Viva a unidade dos camponeses portugueses!

## AGRAVAM—SE AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS CAMPONESES DA COMPORTA

A situação de miséria a que estão sujeitos os camponeses da comporta vai-se agravar. Nesta herdade, pertencente ao grande capitalista Espírito Santo, vivem actualmente mais de 700 famílias que ao longo de anos desbravaram as terras que hoje produzem arroz, milho, trigo, etc.

As condições de vida dos camponeses são más, as habitações, feitas de terra e cobertas de palha, são verdadeiros focos de doença. Mas isso para o Sr. Espírito Santo pouco conta. A sede de lucro (já possui uma fortuna avaliada em mais de 5 milhões de contos) é insaciável, ele acha que a situação dos camponeses ainda não é bastante má pelo que é preciso aumentar a exploração.

Em 1964, os camponeses terão que pagar mais por hectare do terreno (já pagam aproximadamente 1.000\$00); não poderão criar porcos no condado e a lenha (quase só caruma) terão que a pagar a 15\$ por cada 100 kg, isto se limparem os pinheiros de graça.

Mas não é só isto que se passa na comporta. A repressão exercida pelo GNR, capitaneada pelo cabo Baptista é desenfreada. Por dá cá esta palha os camponeses são levados ao posto e espancados.

Camponeses da Comporta O causador dos vossos sofrimentos é o governo de Salazar que está ao serviço do grandes capitalistas e agrários.

Só um governo democrático, que através da Reforma Agrária entregue a terra a quem a trabalha acabará com a situação de miséria em que vivemos.

Organizados e unidos, luta desde já contra a exploração e a repressão.

Não coisintais no aumento das rendas. Unidos Vencereis!

## A CRISE DA AGRICULTURA

Em Maio e Junho realizaram-se em Évora, Beja, Mértola, Porto, Coimbra, Lisboa, etc., importantes reuniões de lavradores.

Já não somos só nós a falar da crise da agricultura. Já não somos só nós a dizer que a crise é o resultado da falta de ajuda do governo à agricultura. Todos «enervados»; todos com a «corda na garganta»; exclamam os lavradores. Estas reuniões puseram a nu a grave crise em que se debate a agricultura nacional e quem é o seu responsável - o governo de Salazar. Não necessitamos de fazer comentários. Vejamos o que se disse na reunião de lavradores em Évora.

«É necessário abrir os olhos e os ouvidos que obstinadamente se mantêm fechados. A lavoura fica com a certeza de não lhe caber a responsabilidade no momento em que a derrocada total da actividade agrícola se verificar. Cabe ao governo. Se não se der à lavoura uma regulamentação repaz, acabar-se-á por se assistir ao seu desmoronamento total. Não sabemos em que medida se agravará a situação dos lavradores quando a banca lhes exigir o pagamento dos seus débitos, pois grande parte deles têm um passivo muito superior ao activo».

Estas afirmações são bem elucidativas, mas é preciso não nos esquecermos que são os pequenos e médios lavradores que estão a suportar os efeitos da crise.

As rendas são cada vez mais elevadas, os produtos industriais fornecidos à lavoura pelos monopolistas são caríssimos e os empréstimos são ruinosos.

Se é certo que os pequenos e

médios lavradores são cada vez mais pobres não é menos certo que os grandes agrários são cada vez mais ricos. São eles os grandes paladinos da exigência do aumento dos preços dos produtos agrícolas, serão eles também os grandes beneficiados com tal medida, que caso venha a ser posta em prática, baixará ainda mais o poder de compra do povo.

## SOLDADOS! MARINHEIROS! AVIADORES!

As guerras coloniais em que Salazar envolveu o nosso país são um crime. Salazar e todos os vossos comandos mentem-vos miseravelmente. Os «terroristas» que eles vos mandam matar, são os patriotas angolanos, operários e camponeses, que não estão mais dispostos a aceitar o chicote, a miséria, e a opressão. Eles não querem ser escravos no sua própria Pátria.

Abaixo as guerras coloniais!  
Viva a República Democrática das Colónias!



Eu e todos da minha classe estamos atravessando a crise mais horrorosa que pode existir no nosso país, causada pelo salazarismo. Os grandes monopólios dos adubos e sementes arrancam tudo o que nós produzimos, deixando-nos na maior miséria. Tenho uma propriedade à renda no distrito de Portalegre pela qual pago 12 contos por ano, além de outras propinas. Por mais que eu e os meus trabalhem não colhemos mais de 5 contos. Onde é que eu vou buscar o dinheiro para dar ao agrário?

Uma saca de adubo de 100 kilos custa-nos 187\$50. Uma saca de Nitramoncal de 50 kilos custa 97\$50 e de amónio 185\$00. Temos que fingir com os adubos as terras. 100 kilos dele tem que se fazer chegar para 100 arrobas de batata (150 kilos). Fazendo esticar os

adubos, temos reduzida produção e os grandes enchem-se à custa do nosso suor.

Por mais que trabalhe, não consigo tirar 5\$00 por dia! Como posso viver? Vou apertando o cinto.

Compro durante uma semana meio kilo de toucinho, meio litro de azeite, meio kilo de morcela, meio de arroz e outro tanto de massa e açúcar; um pacote de café de cevada, 12 kilos de pão, batatas e couves vou arranjando, tudo para 8 pessoas. Sobre vestuário, parecemos mendigos esfarrapados. Não tenho botas, uso tamancos. Só tenho 2 camisas e duas calças e um chapéu velho que já tem 7 anos. Só tenho um fato que é ainda o do casamento.

Como eu há muitas centenas de outros.

**NÃO DEIXEIS QUE VOS ROUBEM!**

De novo os senhores dos Foros de Almada (concelho de Benavente) tentam arrancar os camponeses das terras que eles e seus familiares desbravaram, roubando assim a centenas e centenas de pessoas o que elas criaram com o seu trabalho.

Em 1926, quando aí apenas existiam matagais as terras foram aforadas pelo João Maria de Almeida (hoje falecido). O arrendamento era de 19 anos. Em pouco tempo todo o mato desaparecera e a terra fora desbravada; plantaram-se arvoredos; abriram-se poços e construíram-se casas. Aquelas terras, improdutivas até então, passaram a alimentar centenas de pessoas. Passaram-se 19 anos, mas o arren-

damento foi renovado por mais 19, terminando este em 1964.

Porém, os herdeiros do Almeida nem sequer quiseram esperar pelo fim do arrendamento e assim, em 1957 fizeram a primeira tentativa para expulsar os camponeses das suas terras.

De Benavente vinha constantemente a GNR, para expulsar os camponeses, mas, como não tivessem conseguido, os agrários recorreram a outros processos. As terras foram invadidas por rebanhos que destruíram árvores e sementeira, as estremas foram derrubadas por tractores, mas o povo dos Foros de Almada não se deixou vencer! As mulheres deitavam-se nas terras e impediam o avanço dos tractores, o povo dos Foros, apoiado nas gentes da região lutou das finais variadas formas, obrigando os agrários a recuar.

Mas os agrários não desistiram dos seus intentos e no passado mês de Agosto voltaram de novo à carga, fazendo distribuir por alguns fazendeiros um ofício no qual exigiam que abandonassem as terras no prazo de 4 dias.

Povo dos foros de Almada! Já uma vez provastes que através da luta e da unidade se pode fazer recuar os exploradores.

Não deixeis que vos roubem aquilo que criastes com o vosso trabalho!

Não deixeis que vos dividam. Um por todos e todos por um; deve ser a vossa bandeira.

Apelai para a solidariedade do povo da região.

**Unidos, organizados e lutando firme, fareis de novo recuar os agrários!**

**AS NOSSAS LUTAS E OS NOSSOS PROBLEMAS**

**Montemor-o-Novo** — Nesta terra trabalhava um rancho para o agrário Marques dos Santos. Como se tivesse chegado a sábado sem se acabar a ceifa, o agrário mandou vir os trabalhadores mais dois dias. Quando na segunda feira se apresentaram ao trabalho, o agrário disse-lhes que a jorna passava a ser 32\$00 em vez de 40\$00 como até então. Os trabalhadores protestaram e abandonaram o trabalho, mantendo-se dois dias em greve.

Como o agrário persistisse em não querer dar a jorna antiga, os trabalhadores procuraram trabalho noutro lado. O agrário ainda procurou contratar duas mulheres para abrirem as ruas às ceifeiras, mas elas recusaram-se por solidariedade, para com os outros trabalhadores. O Marques enfraquecido com a firmeza e a solidariedade dos trabalhadores, abriu as ruas com as próprias ceifeiras, passando com o tractor por cima de muito pão.

**Bencatel** — Os agrários mandaram os seus capatazes a esta vila contratar o pessoal para as ceifas, mas só ofereciam 1.000\$00 pelos 30 dias. Os trabalhadores recusaram-se a sair por esse preço e concentrando-se na Praça de Jorna diziam: «daqui ninguém sai por menos de 1.200\$00». Perante a firmeza decidida dos trabalhadores os agrários foram obrigados a ceder.

**Ervidel** — Desde o fim das ceifas que os trabalhadores desta localidade estão desempregados. Dezenas de trabalhadores têm-se concentrado na Casa do Povo, reclamando trabalho. A sua firmeza e unidade forçou os dirigentes da Casa do Povo a tomar medidas,

fazendo arranjado trabalho para uma estrada perto de Odmira. Como a jorna fosse de 24\$00 e 10 horas, os trabalhadores protestaram enérgicamente e disseram que não sairiam por menos de 30\$00 e 8 horas. A luta continua.

Só agindo organizados, unidos e com firmeza, os trabalhadores poderão vencer os exploradores. É preciso intensificar a luta contra o desemprego, por melhores jornas e pela garantia das 8 horas. Os agrários estão pressionando por todos os meios para nos roubarem as 8 horas. **Em Alcácer do Sal**, na herdade dos cachopos, o agrário António Amaral tentou já várias vezes roubar esta conquista.

Em Maio tentou impôr novo horário ao almôço e logo pouco tempo depois quiz obrigar o pessoal a trabalhar 10 horas por dia.

Cerca de 70 a 80 trabalhadores reuniram-se e decidiram não aceitar as 10 horas. Então o agrário mandou chamar a GNR de Alcácer do Sal e na presença desta disse aos trabalhadores que quem não aceitasse as 10 horas seria expulso da herdade.

Os trabalhadores não se deixaram intimidar e responderam-lhe: «não faz diferença, já estamos habituados a suportar muita miséria», e virando-lhe as costas abandonaram o trabalho.

Na região de **Aicórrago**, vários agrários despediram os trabalhadores dizendo-lhes que se quizessem trabalhar de sol a sol podiam voltar.

Todos os trabalhadores se recusaram a aceitar esta imposição, tendo alguns agrários sido obrigados a darem de novo as 8 horas.

Em **Portalegre**, na herdade

da Queigeirinha depois de terem recusado durante alguns dias as imposições dos agrários os trabalhadores acabaram por aceitar trabalhar de sol a sol. Como forma de luta resolveram fazer «cera».

**OPERÁRIOS AGRÍCOLAS!** Os agrários, como inimigos dos trabalhadores, recorrem aos despedimentos, às ameaças e outras formas de pressão, para nos explorar. Melhorando a nossa organização, reforçando a nossa unidade e combatividade nós venceremos!

**AVANTE NA LUTA POR NOVAS VITÓRIAS!**

**Lutar Pelo Contrato é uma tarefa imediata**

Actualmente corre no Sul do país uma exposição reivindicando a assinatura dum contrato colectivo de trabalho que nos garanta: 1) trabalho assegurado nos dias úteis; 2) salário mínimo de 35\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres; 3) o horário das 8 horas; 4) abono de família; 5) assistência médica.

A conquista destas reivindicações não será tarefa fácil, só **ATRÁVÉS DUM PODEROSO MOVIMENTO DE MASSAS SERÁ POSSÍVEL ALCANÇAR-MOS A VITÓRIA.**

A luta pela satisfação das 5 reivindicações deve começar desde já, pois a conquista desta ou daquela reivindicação, facilitará a luta geral pela assinatura do contrato.

A luta contra o desemprego deve estar intimamente ligada à luta pelo contrato. Devemos lutar também, desde já pelas jornas mínimas de 35\$00 homens e 20\$00 mulheres. Unidos e organizados, recusando-nos a trabalhar por menos da jorna citada, nós poderemos impôr aos agrários estas jornas mínimas, mesmo antes da assinatura do contrato colectivo de trabalho.

**É preciso organizar a luta**

É necessário unir os operários agrícolas através de comissões de unidade que contactem entre si, de forma a constituir-se um poderoso movimento organizado que mobilize para a luta milhares de trabalhadores.

Tem muita importância realizarem-se em todas as terras, pequenas e grandes reuniões de trabalhadores onde se discutam os problemas do operariado agrícola e as medidas necessárias para o êxito da nossa luta.

Trabalhadores do campo! Levantemo-nos em massa contra a fome e a miséria. Exijamos do governo um contrato colectivo de trabalho.

Que nem só um trabalhador fique por assinar a exposição que deve ser enviada ao Ministro das Corporações.

**Avante por uma ampla recolha de assinaturas!**

(continuação da 1ª pag.)

**CONQUISTEMOS MELHORES JORNAS NA APANHADA AZEITONA**

Mamos ter pela frente a luta por melhores jornas na apanha da azeitona.

Mais uma vez, «O Camponês», chama os trabalhadores do campo a unirem-se e a organizarem-se para a conquista de melhores jornas e condições de trabalho.

Apanha da azeitona segue-se às longas semanas que normalmente passamos desempregados, período em que a fome mais se faz sentir nos nossos lares.

A conquista de melhores jornas

na azeitona não vai ser fácil, os agrários tentam como sempre aproveitar-se do período de desemprego para nos forçar a aceitar as jornas de miséria.

Começemos desde já a fazer amplas reuniões de trabalhadores e nelas discutamos e assentemos, as jornas e condições de trabalho a exigir, jornas que não devem ser inferiores a 35\$00 para homens e 20\$00 para mulheres e as 8 horas onde elas ainda não tenham sido conquistadas. Estas são as jornas mínimas que devem ser estabelecidas num contrato colectivo de trabalho e pelo qual já lutamos, elas devem ser dadas a conhecer a todos os trabalhadores.

**PEQUENOS E MÉDIOS LAVRADORES!** O governo de Salazar não vai dar resolução aos vossos problemas. Já o provou em 37 anos. A crise vai-se acentuar. Ela é o resultado da política que só favorece os monopólios da indústria e os grandes agrários.

Os problemas da agricultura só serão resolvidos com o derrubamento do fascismo e a instauração dum governo democrático, que realize uma Reforma Agrária, que anule as dívidas aos bancos e caixas, que ponha fim ao poder dos monopólios, que aumente o poder de compra do povo.

Organizados e unidos lutai contra O fascismo!